



O design de interiores em hostels: manifestações da individualidade em quartos compartilhados

Hostels interior design: individuality in shared rooms

Patrícia de Moura e Silva Toledo, Universidade Federal de Juiz de Fora
ptoledo87@gmail.com

Frederico Braida, Universidade Federal de Juiz de Fora
frederico.braida@ufjf.edu.br

Antonio Colchete Filho, Universidade Federal de Juiz de Fora
arqfilho2@globocom.com

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão a respeito do potencial do design de interiores na distinção dos espaços íntimo e social, público e privado, em quartos compartilhados de hostels. O principal objetivo é compreender como se manifesta a individualidade nesses ambientes, identificando-se os elementos e as estratégias de design que são capazes de promover a individualidade. Metodologicamente, este artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa, fundamentada em uma revisão de literatura acerca do comportamento humano e do design de espaços íntimos, bem como de uma pesquisa empírica, a qual se constituiu em três estudos de caso realizados em hostels na cidade do Rio de Janeiro. Verifica-se, ao final, que, no âmbito do design de interiores, o mobiliário, os equipamentos e o layout apresentam-se como categorias fundamentais da organização do espaço e indutores do comportamento humano.

Palavras-chave: Design, Hostel, Interiores

Abstract

This article discusses about interior design potencial, relating, intimate and social, public and private spaces, in hostels shared rooms. The goal of this research intends to comprehend how the individuality is shown in these rooms, identifying the design strategies and elements that are able to improve the individuality. This article methodologically, comes from a quality, research result, and it is based in a literature review, about the human attitudes and the intimate rooms, as though, an empiric research based in three case study arranged in hostels in Rio de Janeiro city – Brazil. At the end, we could see, that, interior design, ambiance, furniture, equipments and layout are considered essential categories in the space organization and human behavior inspiring.

Keywords: Design, Hostel, Interior spaces

Introdução

Este artigo apresenta uma reflexão a respeito do comportamento humano nos espaços interiores. A principal ênfase está voltada para a evidenciação da manifestação da individualidade em quartos compartilhados de hostels. A questão que se coloca é: quais os elementos do design de interiores são capazes de promover a individualidade no contexto de espaços coletivos? Portanto, os quartos compartilhados de hostels apresentam-se como objetos empíricos relevantes para essa discussão, pois são, por natureza, espaços ambíguos e dialéticos, uma vez que se inserem na fronteira entre o espaço íntimo e o coletivo, o público e o privado.

Hostels são um tipo de alojamento de caráter econômico, onde os hóspedes podem alugar uma cama, geralmente do tipo beliche, em um dormitório e partilhar espaços como banheiro, sala de estar e, quase sempre, a cozinha (APAJ, [s.d.]). Também conhecidos como pousadas da juventude ou albergues, os hostels estão localizados em áreas centrais ou próximas a polos turísticos e de serviços, como estações de transporte público. Hostels são, quase sempre, mais baratos do que os tradicionais hotéis e pousadas, tanto para o operador quanto para os hóspedes. Geralmente, eles oferecem diferentes formas de acolhida, entre quartos coletivos (divididos por gênero ou não) e privados.

Historicamente, a proliferação dos hostels, tanto no exterior quanto no Brasil, está vinculada à expansão do turismo. Ao fim do século XX e início do século XXI, observou-se um exponencial crescimento do mercado turístico nacional e sua importância no fomento socioeconômico do país (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2002), bem como do design de interiores, em virtude do aumento na procura de cursos técnicos e de graduação, assim como eventos profissionais e comércio especializado na área (GUBERT, 2011; TOLEDO; COLCHETE FILHO; BRAIDA, 2018). A partir desse cenário, destaca-se a importância da arquitetura e do design de interiores para a elaboração dos meios de hospedagem, principalmente na relação dos usuários com os ambientes projetados.

Segundo Bachelard (2005, p.25), “todo espaço realmente habitado traz a essência de noção de casa e a casa é o nosso canto no mundo”. Logo, uma das justificativas para o estudo do design de interiores de hostels refere-se à necessidade de se discutir a efemeridade da estadia nos espaços de hospedagem e a relação do homem nos espaços projetados de uso público. De acordo com Coelho Netto (2002, p.38),

para o arquiteto [ou designer] o problema que se coloca aqui, de modo específico, é o de saber como, numa dada cultura se percebe um Espaço como sendo Privado e como se percebe um outro Espaço como sendo comum, quais os limites de um e outro, até que ponto um espaço pode ser entendido sem se ferir os Espaços Privados, até que ponto estes aceitam e permitem aqueles.

Portanto, torna-se importante refletir sobre a necessidade de se individualizar em uma forma de hospedagem que é coletiva e partilhada. Além disso, resta estabelecer uma base sistemática e compreensível para o design de hostels. Acredita-se que o aprimoramento, a reflexão e, principalmente, a proposição de práticas projetuais, ancorados à realidade contemporânea, de uma parcela da oferta de hospedagens, seja uma contribuição importante para o meio acadêmico e profissional.

Assim, as questões abordadas neste artigo buscam considerar a relação dinâmica entre o indivíduo e o coletivo, bem como a importância do design de interiores na promoção da individualidade nos quartos compartilhados. Parte-se da premissa de que o design de interiores proporciona soluções para os anseios e para as necessidades das pessoas, com aspectos técnicos, estéticos, teóricos e criativos (GIBBS, 2014).

Segundo Puls (2009, p.529), o “conteúdo de consciência individual é dado pelos conteúdos da consciência coletiva”. A partir dessa informação, o quarto coletivo de um hostel é um exemplo da interação desses conteúdos. Nesse contexto, ressalta-se a ambiência encontrada em hostels, principalmente nos quartos coletivos, onde, muitas vezes, é preciso abrigar diferentes tipos de pessoas e garantir privacidade a cada uma delas, ainda que elas estejam partilhando o mesmo espaço de dormir.

À guisa de introdução, cumpre assinalar que o principal objetivo deste artigo é identificar e revelar as formas de manifestação da individualidade em quartos compartilhados, com vistas a gerar reflexões e insumos teóricos para projetos de interiores de meios de hospedagem cujos quartos são compartilhados. Nesse sentido, há que se levar em conta que, de acordo com Hall (2005, p. 128-129), os espaços são formas fundamentais de organização das atividades de indivíduos e de grupos, uma vez que “inclui manifestações materiais, bem como projetos ocultos e internalizados que governam o comportamento enquanto o ser humano se movimenta por esta terra”.

Metodologia

Este artigo é decorrente de uma investigação que pode ser caracterizada como uma pesquisa de natureza básica e de caráter qualitativo, quanto à abordagem do problema, visto que um dos principais objetivos da pesquisa foi compreender a ambiguidade da dinâmica entre o indivíduo, sua individualidade e o coletivo no espaço do quarto compartilhado de hostels. Quanto aos objetivos, a pesquisa apresenta-se como exploratória e descritiva, uma vez que tinha como intenção uma maior aproximação e a compreensão do problema com o intuito de torná-lo explícito (GIL, 2008, p.27). Para tanto, a pesquisa compreendeu um levantamento bibliográfico, bem como observações efetuadas em pesquisa de campo, a fim de se obter dados qualitativos, por meio dos estudos de caso, que possibilitaram a criação de um banco de dados iconográficos.

Para Gil (2008, p.28), uma pesquisa descritiva é aquela que tem como “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Foi um dos objetivos da pesquisa descrever a relação do indivíduo com os espaços íntimos, privados, sociais e públicos do quarto compartilhado de hostel, a fim de verificar como o design de interiores possibilita a manifestação da individualidade nesses espaços.

A revisão de literatura teve lastro em uma pesquisa bibliográfica, por meio de uma busca sistematizada realizada nas bases de dados do portal Capes, portal Scielo e no Google Acadêmico, a partir da entrada com as seguintes palavras-chave: hostel, design de mobiliário, design de interiores, espaço compartilhado e arquitetura, individualidade e arquitetura,

individualidade e espaço. Após a aplicação de alguns filtros, foram selecionados 24 arquivos pertinentes, entre artigos, dissertações e teses. Nessa primeira pesquisa bibliográfica, não foi encontrado conteúdo substancial de aporte conceitual para o trabalho, mas o material coletado contribuiu para a composição e o alargamento do referencial teórico. Foi possível, a partir desse levantamento, o acesso a outras referências.

A pesquisa configurou-se, também, como de estudo de caso, visto que consistiu em um estudo das relações comportamentais contemporâneas do indivíduo em um espaço de dormitório compartilhado em um tipo específico de hospedagem. Yin (2005, p.32 apud GIL, 2008, p.58) afirma que o estudo de caso “é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência”. A coleta de dados abrangeu fontes como documentos históricos, fotografias, desenhos, reportagens escritas e gravadas, registros fotográficos e técnicas de pesquisa como observações de outros usuários durante a estadia nos hostels analisados.

Para os estudos de caso, foram realizadas visitas em hostels, com o objetivo de observar e descrever as características espaciais e de design de interiores, bem como o comportamento dos indivíduos nos quartos compartilhados de hostels. Lançou-se mão dos seguintes recursos para a coleta de dados: desenhos de observação, fotografias, gravação de áudios e diário escrito. Para tanto, foram escolhidos três hostels na cidade do Rio de Janeiro. A escolha dos hostels nessa cidade, no contexto do Brasil, justificou-se devido ao fato de o Rio de Janeiro ter aumentado consideravelmente a oferta de hostels, já que a cidade sediou alguns jogos da Copa do Mundo de 2014, bem como os Jogos Olímpicos de 2016. Eventos mundiais geram grandes movimentos turísticos e, conseqüentemente, o aumento na procura de meios de hospedagem.

Junto com o crescimento do mercado turístico nos últimos anos está a expansão do segmento hoteleiro e dos meios de hospedagem, no qual é uma peça fundamental e de extrema importância à viabilização do turismo. Com a crescente procura por hospedagem na cidade do Rio de Janeiro, a procura por Hostel é cada vez mais constante. (SEBRAE, 2015, p. 3)

Os três hostels foram escolhidos com base em uma pesquisa feita no site Trivago, que selecionou os dez melhores hostels da cidade por meio de um ranking realizado de acordo com o trivago Rating Index™ (tRI™), índice que compila as avaliações que os turistas deixam quando se hospedam em determinado hostel em diferentes sites de avaliação, excluídas as diferenças de preço e disponibilidade dos hostels.

Para a pesquisa de campo, foi empregada a técnica da observação incorporada, que, segundo Sbarra (2007, p.114),

(...) caracteriza uma atitude de interação do observador-pesquisador com o ambiente observado, ou seja, a experiência do pesquisador em relação ao objeto é parte integrante do objeto de pesquisa, assim como a experiência dos demais sujeitos que compõem o complexo fenomênico em estudo, de forma a incorporar à postura científica a reflexão com auto-inclusão.

Já em campo, primeiramente, foi feita a descrição dos espaços internos dos quartos, por meio dos aspectos objetivos, que correspondem às características físicas dos mesmos. Em seguida, foram analisados a forma, a composição e os aspectos subjetivos ligados ao comportamento

humano e à psicologia ambiental, que deram origem às categorias definidas como principais responsáveis pela manifestação da individualidade: leiaute, mobiliário e equipamentos. Essas categorias serviram para identificar quais elementos configuram o espaço individual; elas foram elencadas a partir da definição de autores como Ching e Binggeli (2013) e Coles e House (2008). Por fim, almejou-se descrever os aspectos físicos e simbólicos encontrados nos quartos compartilhados de hostels, a fim de se aprimorar a reflexão a respeito do design de interiores, principalmente no que tange à garantia da individualidade dos hóspedes no uso do quarto compartilhado em hostels.

Cumprir dizer que o mobiliário é o elemento que medeia a arquitetura e as pessoas, auxiliam nas atividades exercidas nos espaços internos deixando-os mais confortáveis. Em um quarto compartilhado, o mobiliário é o que caracteriza o espaço como de uso coletivo, considerando o número de beliches e armários dispostos no ambiente. Já os equipamentos são, também, acessórios que auxiliam na utilização dos espaços internos, deixando-os mais confortáveis e acessíveis; além de embelezá-los e de promover experiências sensoriais. Através dos equipamentos é possível identificar e diferenciar as zonas pessoais e sociais (CHING; BINGGELI, 2013). O leiaute pode ser compreendido como a disposição dos elementos de composição do espaço, tais como equipamentos, mobiliário, iluminação e demais materiais, distribuídos de acordo com as características do ambiente e atividades realizadas, considerando não somente os aspectos estéticos como também os funcionais (CHING; BINGGELI, 2013).

O mapa a seguir (figura 1) demonstra, de forma sucinta e gráfica, o percurso metodológico da pesquisa, apontando as etapas que seguiram após a definição do problema até a conclusão, onde buscou-se responder à principal questão motivadora da investigação.



Figura 1: Mapa metodológico da pesquisa.
Fonte: dos autores

Alguns pressupostos teóricos: o espaço do indivíduo e o espaço coletivo

A arquitetura sempre se preocupou em planejar e construir espaços de atividades, moradia, produção, lazer ou repouso, de maneira que atendessem satisfatoriamente às necessidades do homem. A ambiência desses espaços projetados pela arquitetura interfere diretamente no comportamento e no humor humanos, sendo possível aos projetistas conceber espaços que possam induzir ou favorecer determinados comportamentos, assim como propor ambiências que interfiram no humor do usuário de forma intencional.

Entre o espaço e o tempo, há uma linguagem invisível chamada de sentido primário da comunicação. Não há uma verbalização, mas é importantíssima nas relações do dia a dia. Portanto, a fim de exemplificar este sentido primário da comunicação, foi utilizado na pesquisa um neologismo criado por Hall (2005), a proxêmica, que compreende o estudo das distâncias ocultas entre as pessoas e o espaço. Esse conceito mostra-se pertinente para a análise da relação do usuário nos quartos compartilhados de hostels.

Segundo Hall (2005), o espaço funciona como um prolongamento do organismo, que é reconhecido por sinais visuais, verbais, táteis, sonoros e olfativos. Hall divide a percepção do espaço em duas categorias de receptores: “os receptores à distância” – olhos, ouvidos e nariz, e “os receptores imediatos” – tato, sensações na pele, mucosas e músculos. Assim como o homem é provido de sentidos básicos, o espaço apresenta características táteis, auditivas, olfativas e térmicas, que são percebidas individualmente por meio dos sentidos de cada um. Essas percepções interferem diretamente na maneira como sentimos e nos comportamos no espaço, por meio de nossas ações e reações (CHING; BINGGELI, 2013).

Ao analisar o comportamento humano no espaço a partir do olhar do design de interiores, é necessário conhecer as dimensões humanas. Devemos considerar não somente dimensões físicas do homem estático, pois existem também as dimensões funcionais, que são aquelas produzidas a partir do movimento do corpo na realização de alguma atividade (PANERO; ZELNIK, 2015). Por exemplo, quando esticamos o braço para alcançar determinado objeto e, até mesmo, quando interagimos com outras pessoas.

As distâncias entre o público e o privado

O compartilhamento de espaço não é somente uma escolha, pois existem formas compulsórias que geram diferentes reações daqueles que partilham o ambiente. Há necessidades e demandas distintas dos mais diversos grupos étnicos e países de origem de cada um. O que pode ser desagradável para determinado grupo pode não ser para outro. É preciso considerar a atividade inconsciente e emocional na escolha por individualizar-se ou não, estar em um espaço privado ou compartilhado. Há uma internalização inconsciente dos sentidos – olfativo, auditivo e da visão – que estão relacionados à cultura de origem do indivíduo e que reforçam a triagem por parte do viajante, ao compartilhar um quarto: “Para compreender o homem é preciso ter algum conhecimento da natureza de seus sistemas receptores e de como a informação recebida a partir desses receptores é modificada pela cultura” (HALL, 2005, p. 51).

A invasão do espaço pessoal é um tema importante para análise, visto que não se trata de um espaço somente físico, mas também psicológico. A individualidade de uma pessoa não é composta somente pelo corpo físico e pelo espaço que ocupa, mas também por seus pensamentos, suas vontades e suas escolhas. Portanto, “a violação da distância individual é a violação das expectativas da sociedade; a invasão do espaço pessoal é uma intrusão nas fronteiras do eu da pessoa. A distância individual pode estar fora da área do espaço pessoal” (...) (SOMMER, 1973, p. 34).

É possível que, ao termos o nosso espaço pessoal invadido, tenhamos uma conduta que indique incômodo, muitas vezes por meio de ações físicas como: afastamento, desvios de olhar, bater os dedos em algum lugar etc. (SOMMER, 1973). Um indivíduo possui uma área circundante ao seu corpo que pode ser classificada como íntima, pessoal, social e pública. O que define cada uma delas é o distanciamento entre o seu corpo e o do próximo e as ações realizadas nesses espaços (HALL, 2005), criando quatro diferentes zonas: íntima, pessoal, social e pública (figura 2).

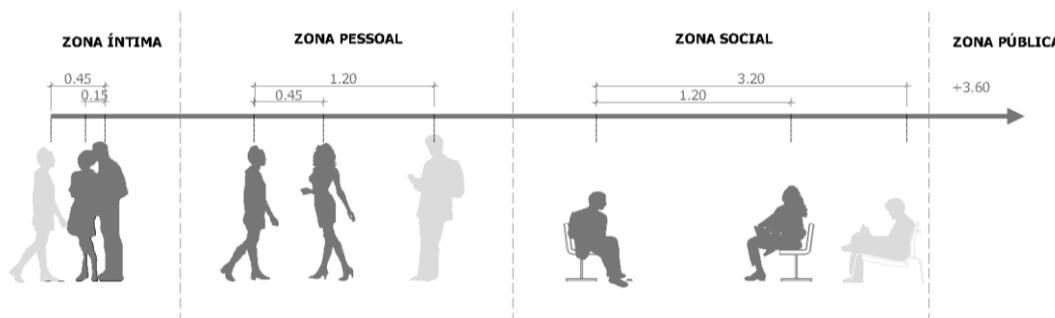


Figura 2: Gráfico de distâncias a partir de Hall (2005)
Fonte: dos autores.

Segundo Hall (2005), no espaço íntimo, quando há mais de um indivíduo, a presença desse outro é clara, e o contato físico ou a possibilidade dele é eminente. É nesta distância e no seu limite que exercemos determinadas atividades, tais como se relacionar amorosamente, lutar, confrontar-se e proteger-se. A comunicação entre os indivíduos se dá também pelo contato físico repleto de estímulos sensoriais. Normalmente, exceder os limites deste espaço só é permitido a pessoas muito próximas, como familiares. Para algumas culturas, a realização das atividades presentes no espaço íntimo é considerada inadequada para ambientes públicos, compartilhados com desconhecidos.

O espaço pessoal é definido por Hall (2005) como um contato a partir das extremidades e é considerado ideal para tratar de assuntos pessoais. O indivíduo se coloca a uma determinada distância, onde o outro esteja visualmente acessível e o contato físico se torne possível e opcional, realizado através do alongamento dos braços. A visão, o olfato, o tato e a audição são utilizados, embora o tato seja em menor proporção do que no espaço íntimo. De acordo com Okamoto (2014, p. 114), “o espaço pessoal é um espaço com limite invisível, que envolve o corpo da pessoa e no qual nenhum estranho pode entrar”. Diversos autores determinaram tal espaço como uma bolha geralmente impermeável, em que o indivíduo mantém contato visual, sendo, porém, descartado o contato físico.

Seguindo as distâncias e os espaços determinados por Hall (2005), verifica-se a existência da distância social. Nessa distância, os detalhes visuais já não são mais tão nítidos e os desvios de olhar são constantes. É o espaço caracterizado por eventos como as reuniões sociais informais. Pessoas que trabalham juntas tendem a usar esta distância e podem trabalhar horas em silêncio sem que pareça uma grosseria ou desconsideração para com o outro. É também onde ocorrem as comunicações rápidas entre os indivíduos dispostos em um mesmo ambiente, sem que queiram ou necessitem manter um diálogo mais longo.

Por último, Hall (2005) define a distância pública como aquela totalmente impessoal. Nela, o contato visual já se torna limitado e pouco nítido. O comportamento se altera com a voz mais elevada e com a utilização do discurso formal, normalmente utilizado em reuniões públicas e discursos para uma grande audiência. Assim, pode-se afirmar que as necessidades espaciais dos homens não se relacionam somente com os limites do corpo – é preciso compreender as distâncias invisíveis, mas que são mensuráveis, como elencou Hall (2005). Os espaços habitados de moradia e trabalho, quando mal projetados, podem constranger as pessoas, forçando-as a comportamentos e a relacionamentos indesejados.

Muitos desdobramentos comportamentais humanos se dão a partir da relação entre o indivíduo, suas particularidades e o espaço ocupado por ele. O design de interiores, ao conformar os espaços por meio de recursos projetuais, pode ser responsável por suscitar determinadas sensações, como sentir-se bem ou mal. Cabe aos projetistas, neste caso, estarem conscientes de que cada pessoa tem sua maneira de se individualizar, de preservar seu espaço íntimo e de compartilhar os espaços.

Os conceitos de público e privado parecem sofrer interferências espaço-temporais no contexto das relações sócio-humanas. Em dado espaço e tempo, com determinado grupo de pessoas, o público e o privado podem fundir-se, deixarem de existir, coexistir ou prevalecer um sobre o outro, entre outras combinações que gerarão desdobramentos socialmente construídos em diversos lugares.

As distâncias entre o íntimo, o privado, o social e o público podem existir e serem interpretadas de diversas maneiras, estabelecidas de forma ordenada ou não. Por mais que se assemelhem conceitualmente, nem sempre o que é entendido como íntimo ou privado para determinada etnia ou parcela da população será exatamente igual ao de uma outra, assim como as definições dos espaços sociais e públicos.

Determinadas ações e atividades que, para uma cultura, são naturalmente exercidas em determinado espaço e distância, podem não ser tão naturais para outra. Há questões comportamentais de origem religiosa e/ou filosófica que determinam ou delimitam as ações individuais, em espaços íntimos e privados, e ações individuais e coletivas, em espaços sociais e públicos. Segundo Hall (2005, p. 130), “a disposição de povoados, cidadezinha, grandes cidades e da região rural intermediária não é aleatória; ela segue um plano que muda com o tempo e a cultura”.

O espaço físico e a percepção espacial

A matéria-prima da arquitetura é o espaço, que pode receber inúmeras funções físicas e simbólicas, de acordo com o que se propõe, bem como traduzir materialmente necessidades, anseios e desejos, além de possibilitar e promover atividades e relações. “Pode-se dizer que projetamos no positivo, construímos no positivo, mas vivemos no espaço negativo. O aspecto dos edifícios foi destacado, ressaltado, elevado ao primeiro plano, entretanto os sentimentos e as aspirações qualitativas e psicológicas dos usuários tornaram-se secundários” (OKAMOTO, 2014, p.12). É neste espaço negativo que o arquiteto e o designer de interiores precisam estar atentos para atender às necessidades e aos anseios por interações afetivas do homem com o



meio ambiente. Por meio de soluções de projeto, é possível estimular a harmonia entre indivíduo e espaço, e promover crescimento pessoal, relacionamento social e qualidade vida (OKAMOTO, 2014).

A inclusão de temas como a psicologia ambiental e a percepção ambiental se faz necessária na elaboração de um projeto de interiores habitado pelo homem – acrescentar ao processo criativo elementos subjetivos “voltados ao fenômeno do comportamento humano como resultado da interação do homem com o meio ambiente e suas relações interpessoais” (OKAMOTO, 2014, p. 12-13). A sociedade entende e interage com seu meio circundante, manifestando seus desejos, suas opiniões e suas expectativas, sugerindo determinados comportamentos individuais e sociais.

Por mais que estejamos inseridos em ambientes coletivos e que compartilhemos experiências e informações, cada pessoa é constituída por suas próprias impressões, sensações e emoções, o que constitui a peculiaridade de cada indivíduo, que, à sua maneira, expressa seus desejos e anseios, sejam eles pessoais ou sociais.

Para Reid (2000 apud OKAMOTO, 2014), os sentidos externos possuem duas funções: fazer sentir e fazer perceber. As sensações são internalizadas por meio dos sentidos básicos – e podem ser agradáveis ou não – e é exatamente isso que desperta no homem a compreensão da existência desse objeto de percepção. Ou seja, a percepção acontece sempre a partir de um objeto externo, qualificado pelos sentidos.

A individualidade nos espaços compartilhados

A distância física entre pessoas é um conceito variável no tempo e no espaço, sendo socialmente construída e interligada à cultura e aos hábitos de diversos povos. Por ter uma aplicabilidade dependente desses comportamentos internalizados, ela não obedece às regras impostas pela engenharia e pela arquitetura, sendo a sua escolha muito mais emocional e sensorial. Ela pode ser maior ou menor; as pessoas escolhem o que lhes dá conforto e bem-estar de acordo com os conceitos de vida aprendidos. A sensação de ter o espaço alheio invadido varia de acordo com cada cultura (SOMMER, 1973).

O design de interiores, bem como a arquitetura, por questões técnicas, visando a uma convivência harmônica nos espaços públicos, tem procurado um termo comum em que pessoas e espaço físico conversem. O cidadão do mundo, o viajante, o turista, entre outras categorias, tem um conceito de espaço aprendido por meio das relações humanas e das trocas individuais em suas experiências de vida, adquiridas ao se hospedar em hotéis, pousadas, *bed and breakfast* (*B&b* – cama e café da manhã) ou hostels.

A escolha individual para se hospedar em quartos compartilhados, sem vínculos familiares ou compulsórios, passa pelo viés financeiro, bem como pela localização e segurança. No entanto, para compartilhar espaços, temos que abrir mão de algumas comodidades físicas, emocionais e sensoriais. Ao ocupar um espaço limitado pela presença física e patrimonial de outra pessoa, precisamos saber as regras mínimas de convivência, como boa educação, bom senso e *fair play*. O quarto de dormir seria o principal entrave a esta experiência. Precisamos



dos sentidos e das funções fisiológicas continuamente e tais funções, ao serem compartilhadas, podem causar embaraço ou constrangimento, seja em hostel, enfermarias ou espaços afins.

Povos acostumados a compartilhar espaços exíguos desde criança tendem a não se incomodar com estes aspectos que tanto afligem algumas pessoas. Segundo Hall (2005, p. 66-67), “sucintamente, o que se pode fazer no local determina como se vivencia determinado espaço”. A experiência de se dividir espaços com tranquilidade e naturalidade está diretamente ligada à cultura de um indivíduo, pois, ao se deparar com alguém que não faz bom uso deste espaço e cujo senso alheio é falho, saberá reagir buscando seus direitos.

Não é necessário somente seguir as normas para utilização e boa convivência do espaço, mas também procurar compreender as delimitações invisíveis dos espaços individuais de cada um. Para Sommer (1973, p.33), “(...) a melhor maneira para conhecer as fronteiras invisíveis é continuar andando, até que alguém reclame. O espaço pessoal refere-se a uma área com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa na qual estranhos não podem entrar”.

Pessoas podem roncar, não tomar banho, ser desorganizadas, desrespeitosas ou fazer barulho enquanto alguém dorme, entre outras atitudes e comportamentos. Questões inerentes à personalidade de cada indivíduo, independentemente dos aspectos culturais e étnicos envolvidos, são importantes no entendimento das distâncias criadas nos ambientes compartilhados. Pessoas mais introvertidas tendem a ficar mais distantes de outras, se comparadas a pessoas mais extrovertidas (SOMMER, 1973).

Visto isso, muitas pessoas, quando compartilham espaços por tempo prolongado, começam a imprimir questões próprias e pessoais para adaptá-los às suas necessidades individuais e para demarcar de certa forma seu espaço íntimo e pessoal. Portanto, os espaços compartilhados devem promover a interação social entre os indivíduos ali presentes, porém devem também dar abertura à manifestação da individualidade, permitir algum grau de isolamento e promover o equilíbrio entre os direitos individuais e sociais, a fim de garantir uma ambiência prazerosa.

Os quartos compartilhados de hostels: entre o indivíduo e o coletivo

Podemos definir hostel sob o olhar da arquitetura como um abrigo temporário, similar a uma residência com o desígnio de receber o maior número de hóspedes possível, além de lhes fornecer normalmente um quarto compartilhado, bem como banheiro e ou outros equipamentos que supram suas necessidades temporárias – considerada a hospedagem originada por atividade turística, laborativa ou com vistas à uma moradia provisória. Mas uma das principais características de um hostel é a promoção da socialização entre os hóspedes graças a uma ambiência mais descontraída nas áreas comuns como cozinha, bar e salas de estar. Outro diferencial importante é a proposta de hospedagem a um custo inferior em relação aos hotéis. Em um hostel é possível se hospedar em quartos coletivos mistos ou divididos por gênero. Alguns disponibilizam, inclusive, quartos ou suítes individuais, porém todos os demais espaços são partilhados.

Trigo (2004) ainda afirma que o respeito à diversidade e aos diferentes tipos de pessoas e gostos é característica da situação atual da indústria turística e tendência para os próximos anos.



De acordo com Cardoso [s.d.], a indústria dos hostels tem crescido nas grandes cidades de todo o mundo, tornando-se um forte modelo de negócios. Em algumas cidades, eles têm se tornado mais lucrativos que os próprios hotéis. Muitos deles têm reportado uma ocupação em constante crescimento, enquanto que os hotéis detectam o contrário.

A procura por meios alternativos de hospedagem no Rio de Janeiro foi intensificada pelos grandes eventos que ocorreram e ainda vão ocorrer no estado – consequentemente, pela grande movimentação de turistas vindos do exterior, onde essa prática é comum. Dentro desse cenário, os albergues ou hostels são os mais procurados entre os turistas (SANTOS, 2013 apud SEBRAE, 2015, p.1)

Um dos aspectos analisados pelo SEBRAE (2015) diz respeito a quais fatores influenciam o turista na escolha por um hostel. De acordo com pesquisa, 61,4% consideram o custo-benefício fator principal para a escolha, enquanto 15,7% valorizam a possibilidade de interação. Cerca de 14,7% procuram intercâmbio cultural e social, enquanto 5,2% estão em busca de entretenimento e 3% escolhem o hostel por outro motivo.

A partir de dados fornecidos pelo Ministério do Turismo, os meios de hospedagem podem ser classificados nas seguintes categorias: Hotel, Resort, Hotel Fazenda, Cama e Café, Hotel Histórico, Pousada e Flat/Apart. Existe ainda, uma subclassificação para cada uma dessas categorias – aquela que utiliza a simbologia de estrelas – que podem variar de um a cinco, de acordo com os serviços prestados (BRASIL, 2010). Hostels e albergues não entraram no Sistema Brasileiro de Classificação Hoteleira, pois operam a partir de um sistema próprio que os classifica como bons ou muito bons.

Os hostels são fiscalizados pelo menos uma vez por ano pela HI Brasil e também temos um link de avaliação da hospedagem em ambos os sites, nacional e internacional. A opinião de quem se hospeda num hostel é um medidor e também nos ajuda a identificar unidades que possivelmente estejam fora dos padrões. As inspeções podem descredenciar estabelecimentos que descuidam dos padrões de qualidade estabelecidos pela Hostelling (ALVES, [s.d.]).

Nesse segmento, há também regras para os usuários, como destaca o presidente da Federação:

(...) temos normas internas nos locais de uso comum, quartos, cozinha, lavanderia e banheiros, que variam de hostel para hostel. Quem não segue as normas do estabelecimento pode até ser convidado a se retirar e certamente não poderá se hospedar novamente em um equipamento da rede. O mais interessante é que não temos muitos problemas com nossos hóspedes que, geralmente, são pessoas que viajam bastante e possuem um nível cultural alto (ALVES, [s.d.]).

É possível encontrar, em hostels, quartos coletivos equipados com beliches e armários individuais com cadeados; em alguns hostels há também a possibilidade de oferta de quartos privativos, normalmente em menor número. Outros ambientes também de natureza variável são os banheiros, que podem ser coletivos e separados por gênero, ou podem ser privativos e localizados dentro dos próprios aposentos.

Na cidade de São Paulo, segundo Silva e Köhler (2014), existe maior variedade nas opções de hospedagem do que as encontradas nos Estados Unidos da América e na Europa Ocidental e Central. Nesses lugares, normalmente são ofertados apenas quartos compartilhados. Ainda de acordo com os autores, na capital paulista existem cinco hostels onde é possível encontrar o quarto individual, além de trinta deles que possuem a opção do quarto para duas pessoas. Isso se

deve ao fato de que há ainda uma possível restrição, por parte dos turistas, em dividir os quartos e partilhar os banheiros.

Um dos serviços sempre apontados nas avaliações dos usuários nos supracitados sites é a limpeza, em virtude do compartilhamento de espaços como dormitórios e banheiros. Os hostels que possuem a intenção de fazer parte de alguma associação e ou federação precisam prezar pela boa qualidade dos dormitórios, pois este é um fator relevante para a aceitação do hostel como participante e parceiro daqueles sites promotores (GIARETTA, 2003).

Portanto, entende-se que o design de interiores é de suma importância na elaboração de projetos de hospedagens econômicas, na concepção e no planejamento dos espaços compartilhados e individuais, bem como no conceito de identidade e do processo projetual. Nesse sentido, Lojacono e Zaccai (2004) afirmam que, neste século, o design vem sendo considerado um elemento cada vez mais importante para as organizações, reforçando a sua identidade e, por consequência, a sua imagem, que é percebida pela sociedade.

Quartos como espaços da intimidade

Uma casa não é feita de paredes, conforme afirma Marcos (2004), mas sim de seus habitantes, que se apropriam daquele espaço. A autora afirma também que os objetos e pertences dos que habitam a casa revelam um “universo de segredos, de privado e de realidade própria” o que o transforma em um “lar”. Sobretudo para que o espaço tenha o sentido de habitar, ele deve estar preparado para o imprevisto e para novas possibilidades de uso, um dos principais fatores que diferenciam estar e habitar.

Assim, temos o quarto como um dos principais ambientes da casa e é possivelmente aquele em que passamos a maior parte do tempo, seja para o repouso, o sono, o nascimento, o amor, a meditação, a leitura ou a escrita: “do parto à agonia, o quarto é o palco da existência, ou pelo menos de seus bastidores, onde, tirada a máscara, o corpo despido se abandona às emoções, às tristezas, à volúpia” (PERROT, 2009, p. 15).

Perrot (2009) considera o quarto como uma caixa, materializada normalmente por quatro paredes, teto, chão, porta e janela, modificada e adaptada de acordo com as épocas históricas e as classes sociais. Entende também que o quarto, como ambiente hermético, exerce as funções de proteção e de intimidade daqueles que ali habitam. Este fechamento é representado pela porta com fechadura a chave e as cortinas. “O quarto protege: você seus pensamentos, suas cartas, seus móveis, seus objetos. Muralha, ele afasta o intruso. Refúgio, ele acolhe. Depósito, ele acumula” (PERROT, 2009, p.16).

Litré (1863-1872, p.3 apud PERROT, 2009, p.54) afirma que “a vida privada deve ser preservada, não é permitido procurar e revelar o que se passa na casa de um particular”. Considerando o ambiente do quarto e sua utilização, deve ser ainda menor aquilo que é revelado. Perrot (2009) pontua que diversos fatores contribuem para esse isolamento, como por exemplo o pudor e o desejo de esconder o exercício da sexualidade de maneira individual ou conjugal. “O quarto é, em profundidade, o nosso quarto, o quarto está em nós. Já não o vemos. Ele já não nos limita, pois estamos no próprio fundo do seu repouso, no repouso que ele nos

conferiu. E todos os quartos de outrora vêm encaixar-se neste quarto. Como tudo é simples!” (BACHELARD, 2005, p.228).

O desejo de intimidade é inerente ao indivíduo, como a necessidade de se recolher e de se esconder do assédio dos olhares estranhos. Perrot (2009) ressalta a importância da individualidade na presença de um espaço próprio onde cada ser humano tenha a possibilidade de se isolar, exercer sua individualidade. O quarto é o ambiente de maior intimidade de um indivíduo ou casal em uma casa. É um ambiente que pode ser cenário de diversas atividades íntimas, além do repouso, como os atos de se despir e se vestir; é onde ficam guardados os itens mais pessoais de um indivíduo: roupas, objetos de valor sentimental e simbólico, assim como os de valor monetário. O quarto, como espaço individual, trata-se, segundo Perrot (2009), de um desejo relativamente universal para atender às necessidades do corpo e da alma.

Portanto, é a partir dessa verificação da dialética existente nos quartos compartilhados de hostels que se mostra pertinente e necessária a reflexão sobre a manifestação da individualidade em ambientes compartilhados, sobretudo levando-se em consideração o papel do design de interiores na configuração desses espaços de fronteira entre o público e o privado, o social/coletivo e o individual/íntimo.

Manifestações da individualidade nos quartos compartilhados de hostels: resultados e discussão

A determinação da individualidade nos quartos compartilhados não se dá somente por meio de objetos e ou elementos edificados, pois existem determinadas atividades e acometimentos humanos que podem definir espaços de intimidade dentro de um quarto compartilhado: “a doença foi como a devoção religiosa e o nascimento, uma das primeiras causas da individualização do ato de dormir. As epidemias põem os corpos em quarentena e os isolam uns dos outros” (PERROT, 2009, p.247).

Para Bachelard (2005), o quarto ultrapassa o sentido físico, pois é onde se manifestam e ficam escondidas as emoções mais íntimas de um homem ou de uma mulher, é onde ficam armazenados os maiores segredos e sonhos. É o refúgio da solidão por vezes necessária. Perrot (2009) descreve as diferenças de ocupação dos quartos destinados a mulheres e a homens. Durante muitos anos, a mulher foi reprimida pela supremacia masculina; poucas possuíam atividades que não as domésticas e era apenas no quarto que encontravam refúgio da ordem social estabelecida.

O espaço não é algo concreto e definido, é tridimensional: abriga o homem e permite que ele exerça suas necessidades básicas, seja em um espaço íntimo e privado ou social e público. Cabe ao designer estabelecer os limites físicos. É preciso compreender, pois, os diferentes contextos e cenários presentes em um único quarto compartilhado de hostel, e ainda levar em consideração as distintas realidades culturais que nele podem habitar, originando relações díspares com reações particulares entre as pessoas que ocupam o mesmo espaço. As manifestações da individualidade podem, por muitas vezes, acontecer em um mesmo espaço e com similaridades, mas cada indivíduo a exercerá à sua maneira, de acordo com seus hábitos pessoais e contextos socioculturais de origem.

O design de interiores pode, através de seus recursos técnicos, definir fisicamente os espaços públicos e privados, podendo indicar ou interferir no comportamento dos usuários. Porém, a manifestação da individualidade de cada pessoa acontece à sua maneira, sendo o designer de interiores responsável por fornecer os instrumentos para a sua realização, seja por meio do leiaute, dos mobiliários ou dos equipamentos.

É possível aprender e alterar hábitos aprendidos visando ao bem comum, a fim de minimizar os contratempos e os constrangimentos de se partilhar ambientes. Pode-se verificar na pesquisa de campo e a partir dos conhecimentos adquiridos na revisão bibliográfica, que alguns sinais silenciosos, perceptíveis por meio de expressão corporal, como o olhar e a respiração, são fatores indicativos de que fomos mal ou bem recebidos na nossa movimentação física.

Acredita-se que o quarto compartilhado limite o pleno exercício da individualidade, pela presença de terceiros por vezes desconhecidos. Dificilmente um usuário se encontra completamente sozinho neste ambiente, tendo que realizar todas as suas atividades pertinentes a um dormitório na companhia de outrem. Portanto, as gerências dos hostels investem na propaganda do preço da diária viável, localização privilegiada e conforto básico para hospedagem de curta duração. O hostel passou a ser uma opção para classes socioeconômicas distintas. Boa educação, respeito e bom humor são fundamentais. Espaço compartilhado pode, sob determinados aspectos, tornar-se campo fértil para conflitos ou intolerâncias.

Assim, um hostel que se preocupa em oferecer ao hóspede uma experiência confortável, investindo em equipamentos individuais e de boa qualidade, possui tais elementos como diferenciais segundo usuários que os avaliam em sites especializados. Dessa forma, por mais que se forneçam equipamentos e mobiliários que favoreçam e promovam a individualidade no quarto compartilhado, ela jamais será plena. Cabe ao designer de interiores intervir e proporcionar correções que amenizem a falta de privacidade, a fim de evitar desconfortos e constrangimentos nos quartos compartilhados.

O mobiliário, o leiaute e os equipamentos do quarto compartilhado

Aspectos relativos ao design de interiores, como sensações ao adentrar uma edificação, são consequência de nossos sentidos, que enviam mensagens imediatamente ao cérebro e que, de acordo com experiências já vivenciadas, são analisados, o que gera uma reação psicológica em que podemos identificar relações de proporção e de equilíbrio a partir de diversos estímulos (COLES; HOUSE, 2008).

Constatou-se, durante a pesquisa, que o design de interiores pode transformar o quarto compartilhado de hostel, fazê-lo elegante e prático, além de agregar valores de conforto, e de acessibilidade econômica a um número muito maior de pessoas. As diárias de um habitáculo de cama em quarto compartilhado de hostel são mais baratas que uma cama de solteiro em um quarto convencional em cidades onde as diárias hoteleiras podem ser bem mais caras.

O design de interiores, atuando por meio do leiaute, do mobiliário e dos equipamentos, pode garantir uma experiência de hospedagem diferenciada, principalmente no que diz respeito à individualidade. Graças a estes recursos, pode-se garantir ao usuário a possibilidade de exercer

determinadas atividades com maior conforto. O leiaute define a localização de cada item no espaço, de forma a favorecer a privacidade do hóspede, dispondo as camas com distâncias confortáveis entre elas, de maneira que os beliches não fiquem devassados pelos olhares de quem entra no quarto ou de quem esteja do lado de fora. Também determina como serão os movimentos e os fluxos do quarto, evitando conflitos e até mesmo que estes trajetos possam de alguma maneira invadir espaços individuais.

O mobiliário dos quartos compartilhados é, muitas vezes, representado pelo beliche e pelo armário que, quando bem projetados, tornam-se diferenciais na experiência de se hospedar em quarto compartilhado. Ter um móvel adequado ao espaço disponível atendendo às necessidades de quem o utiliza é fundamental para o exercício da individualidade no espaço de uso coletivo.

Os equipamentos funcionam como complementos dos mobiliários e, quando agregados ao habitáculo da cama, possibilitam que o hóspede desempenhe determinadas atividades sem incomodar ou invadir o espaço privado e íntimo daqueles que compartilham o quarto com ele. Eles garantem, por exemplo, que cada um tenha seu espaço para carregar seus equipamentos eletrônicos, fazer leituras a partir de uma iluminação direcionada e individual e guardar seus objetos pessoais de maneira adequada sem que ocupem espaços comuns.

Durante a pesquisa de campo nos três hostels escolhidos como estudos de caso, percebeu-se que estas três categorias dentro do design de interiores estão diretamente relacionadas à manifestação da individualidade nos quartos compartilhados visitados.



Figura 3: Do espaço íntimo ao social nos quartos compartilhados em três hostels.
Fonte: dos autores

A partir das análises em relação aos elementos que conformam a manifestação da individualidade nos quartos compartilhados, aplicou-se, nos quartos estudados, as distâncias preconizadas por Hall (2005) no estudo da proxêmica, a fim de identificar os espaços denominados como íntimo, pessoal, social e público. Percebeu-se que a área da cama do beliche é a mais íntima, pois é nela que os hóspedes podem exercer a maioria de suas atividades íntimas. No entorno da cama, cada um pode também realizar suas atividades pessoais. As demais áreas dos quartos são caracterizadas como zona de ação social (figura 3). Destaca-se que

o mobiliário, o leiaute e os equipamentos são responsáveis por configurar tais áreas de ação de cada hóspede.

Portanto, a partir destas categorias de análise (figura 4), foram elaboradas “matrizes de descobertas”, utilizando as técnicas de análise usuais em avaliações pós-ocupação (APO). Dessa forma, foi possível identificar a manifestação da individualidade a partir dessas categorias e fazer algumas recomendações projetuais.

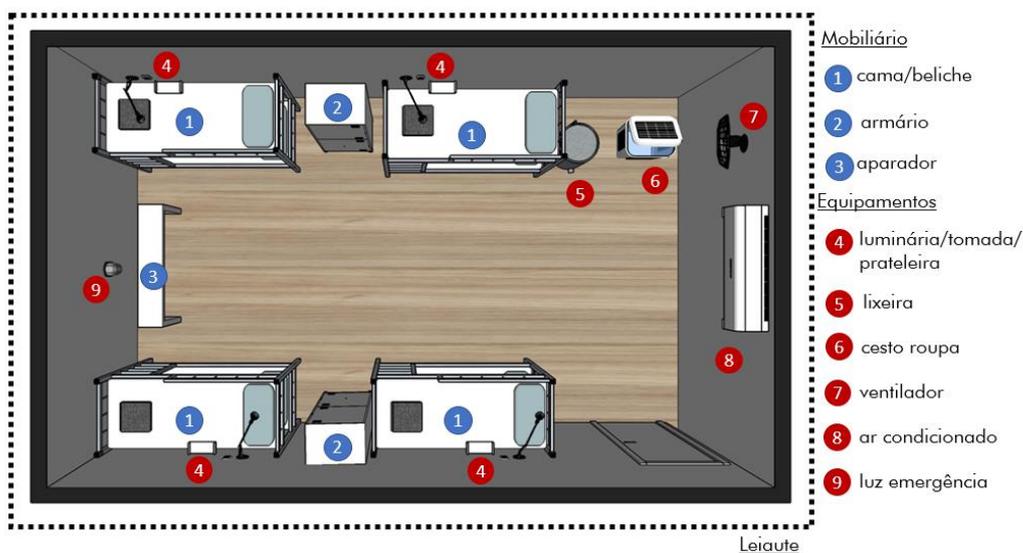


Figura 4: Identificação das categorias de análise em um quarto compartilhado hipotético
Fonte: dos autores.

A partir das matrizes de cada um dos hostels pesquisados, foi possível elaborar um quadro de recomendações gerais (figura 5), para promoção da individualidade e privacidade nos quartos compartilhados de hostels. Destaca-se que a figura 3 apresenta um quarto hipotético para quatro beliches. Observa-se que a principal questão diz respeito ao mobiliário e equipamentos recorrentemente presentes nos hostels. O leiaute poderá variar em função dos diferentes espaços.

TÓPICO	ITEM	RECOMENDAÇÕES
MOBILIÁRIO	Beliche	<ul style="list-style-type: none"> • Cortinas • Algum tipo de sacola de tecido presa a um plano do beliche ou parede para guardar roupa de cama ou roupa suja • Espaço para guardar e pendurar malas e bolsas • Escada confortável e de fácil acesso • Ganchos para pendurar toalhas no próprio beliche
	Armário	<ul style="list-style-type: none"> • Armários verticais com divisórias e iluminação interior para o uso após as 22h. • Trincos com senha para que não haja necessidade de cada hóspede levar seu cadeado • Armário com cabides.
EQUIPAMENTOS	Uso Individual	<ul style="list-style-type: none"> • Luminária Flexível • Tela ou TV LCD com entrada USB • Tomadas com adaptadores universais • Relógios com despertador • Fones de ouvido • Prateleira com suporte para garrafa • Mini frigobar • Protetores auriculares e máscaras de dormir para olhos
	Uso Compartilhado	<ul style="list-style-type: none"> • Manual de boas maneiras e instruções • Ar condicionado • Ventiladores • Luzes indiretas • Mesa coletiva • Lixeiras • Identificadores de camas e armários • Ganchos para pendurar toalhas
LEIAUTE		<ul style="list-style-type: none"> • Área de circulação em volta dos beliches • Espaçamento mínimo entre um beliche e outro. • Deixar sempre um dos maiores lados do beliche enconstrados em uma parede • Dispor os beliches de maneira que nenhum fique de frente para a porta de acesso

Figura 5: Quadro de recomendações gerais para o design de interiores em hostels, a partir das categorias de análise.
Fonte: dos autores.

A cama como o habitáculo: manifestação da individualidade no ambiente

Constatou-se que o espaço correspondente a uma cama no beliche ou no treliche alugado em um quarto compartilhado de hostel é o principal elemento na manifestação da individualidade. Percebeu-se a importância da cama nesse tipo de hospedagem, e o quanto ela pode ser responsável por uma boa experiência em um hostel. A importância da cama não se dá somente em ambientes de quartos compartilhados, mas também ao longo de uma vida, visto que, “na cama, passamos mais de um terço de nossa vida. Ela materializa a grande divisão da noite e do dia. Ela sela a aliança sombria do indivíduo e da noite” (PERROT, 2009, p. 75).

O quarto de uma residência é um espaço de grande intimidade. Em situações em que este espaço é compartilhado, a cama se torna este espaço privado, íntimo e responsável pela manifestação da individualidade. No hostel, ela é o único espaço que é realmente exclusivo daquele que o aluga. Nenhum outro hóspede pode utilizar aquele móvel e o ambiente delimitado por ele. Isso é o que permite ao hóspede realizar determinadas atividades sem que invada o espaço comum de uso coletivo.

O microcosmo da cama do beliche de hostel corresponde a todo o universo íntimo daquele usuário no momento em que o utiliza. Ao ultrapassar seus limites, já se encontra em um ambiente coletivo e compartilhado, onde deve seguir as normas e as regras espaciais para evitar

conflitos e desconfortos. É preciso estar atento às inter-relações e conexões humanas ao se projetar um espaço ou um mobiliário. O espaço da cama do beliche não deve apenas se adequar ao uso proposto pelo hostel. A cama não é apenas um espaço de repouso: é também o lugar de expressão máxima da intimidade e da individualidade no quarto compartilhado.

A questão da individualidade no quarto compartilhado surge no momento em que o usuário opta por essa modalidade de hospedagem. A diária paga por ele é equivalente ao aluguel de uma cama de uso pessoal neste quarto, ainda que tenha acesso às dependências coletivas: o quarto em si, cozinha, banheiro, sala de tv, restaurante e bar. Ou seja, é diferente de outros meios de hospedagem, cujo valor da diária está relacionado ao espaço de um quarto, um apartamento ou uma casa, dentre outros.

O hóspede tem direito a uma cama do beliche ou treliche e a todo o microcosmo que o envolve, ao banheiro que é compartilhado e a alguns equipamentos, como armários e outros incluídos no espaço da cama. Durante a pesquisa de campo, constatou-se que esse microcosmo é definido pelo leiaute, conformando um habitáculo de uso privado onde ocorre a manifestação da individualidade no quarto compartilhado. Este espaço da cama é visto como uma unidade dentro do beliche. E os beliches presentes no quarto se assemelham aos condomínios de edifícios residenciais. Com esta analogia infere-se que o conjunto de beliches geram uma vizinhança.

Com a identificação do beliche como a superpotência ou síntese da manifestação da individualidade em quartos compartilhados, foi possível a elaboração de um diagrama onde estão indicados os elementos essenciais à manutenção e à promoção a individualidade e privacidade no beliche (figura 6).



Figura 6: Diagrama sínteses dos elementos que marcam a manutenção da individualidade
Fonte: dos autores.

A individualidade projetada versus as subversões do projeto pelo uso

Requena (2007, p.18) afirma que “uma casa abriga um conjunto de códigos próprios e práticas diárias que permite a seus habitantes a identidade necessária para reconhecerem o espaço como seu”. Por mais que um arquiteto ou designer de interiores faça uma exímia e detalhada pesquisa a respeito de seus clientes e em seguida proponha um completo programa de necessidades buscando adequar o projeto a todas as atividades realizadas pelos usuários, muito possivelmente haverá subversões de elementos propostos em projeto.

As subversões seriam uma forma de adaptação do projeto pelo usuário. Okamoto (2014) considera que os valores objetivos pertencem ao projetista, mas atenta que os valores subjetivos também fazem parte do comportamento humano no dia a dia. Graças a esses valores subjetivos, ocorrem as subversões dos projetos, por mais individuais que sejam.

Em um quarto compartilhado de hostel é possível garantir a individualidade objetiva, ou seja, oferecer um espaço privado que contenha equipamento de uso individual, que possibilite que um hóspede se isole visualmente dos demais e consiga exercer suas atividades individuais. Porém, o projeto não consegue amenizar por completo odores e sons, por exemplo. Ao se compartilhar um quarto, provavelmente não se sabe quem estará dormindo na cama de cima, se



homem ou mulher, de qual religião, seu idioma e à qual cultura pertence; todas essas questões podem interferir na maneira como será utilizado o quarto compartilhado.

Verificou-se, durante a pesquisa de campo, que o uso, por vezes, ultrapassa a barreira do projeto inicial e está relacionado às peculiaridades do comportamento humano. Porém, coube à pesquisa apresentar as análises realizadas relativas ao espaço projetado conforme concebido, não considerando as manifestações de apropriação do espaço para além daquilo que foi planejado.

Existem usos e manifestações da individualidade que excedem à relação do homem com o ambiente compartilhado. Por exemplo, um hóspede que sofre de insônia provavelmente se mexerá muito à noite e poderá gerar um barulho como um ranger do beliche. Alguém que tenha algum problema respiratório pode emitir sons como ronco ou respiração ofegante. Existem aqueles também que deixam sua luz individual acesa ao longo da noite, falam alto, deixam seus objetos pessoais, como chinelo e toalha, espalhados pelo quarto, transgredindo completamente as leis do espaço compartilhado e utilizando-o de maneira diferente daquela pensada pelo projetista.

Coube à pesquisa olhar para o quarto compartilhado principalmente do ponto de vista do projeto, e não do uso propriamente dito. Por exemplo, foi avaliado o leiaute proposto em cada hostel pesquisado. Mas, sabemos que, se desejarem, os hóspedes poderão modificá-lo. Portanto, as possíveis alterações e apropriações do espaço, dos mobiliários e dos equipamentos ultrapassam o projeto e a capacidade de atuação dos designers.

Considerações finais

Acredita-se que a principal contribuição deste artigo seja a produção de insumos teóricos para o campo do design de interiores, sobretudo quando se aborda as relações existentes entre os espaços coletivos e individuais, públicos e privados, sociais e íntimos. Tais resultados registrados em matrizes de descobertas, decorrentes do cruzamento das informações levantadas na revisão de literatura com os dados coletados in loco, a partir da pesquisa de campo realizada em três hostels na cidade do Rio de Janeiro, contribuem para a retificação da hipótese de que o design de interiores, por meio das categorias mobiliário, equipamentos e leiaute, apresenta-se como uma variável a ser plenamente considerada quando se trata do exercício da individualidade em espaços compartilhados.

A partir das matrizes de descobertas, foi possível propor recomendações para a preservação da intimidade dos usuários, de forma que possam exercer sua individualidade, privacidade e intimidade, ainda que inseridos em contextos coletivos, públicos e sociais. Por sua vez, a partir de tais recomendações, foi possível propor um diagrama com a identificação dos elementos e dos equipamentos capazes de promover a individualidade, que compõe o habitáculo configurado pelo espaço da cama no beliche.

A concepção desse diagrama objetiva fazer uma transição entre as recomendações conceituais (de caráter eminentemente teórico) e uma indicação mais pragmática, de ordem especulativo-projetual, sinalizando os equipamentos que poderiam proporcionar maior conforto



ao exercício da individualidade no microcosmo da cama, que foi identificada como o elemento responsável pela manifestação da individualidade dentro do quarto compartilhado de hostel. Tal individualidade pode ser reforçada utilizando-se de recursos que garantam a privacidade, como cortinas/persianas que podem ser reguladas pelo próprio usuário, de modo que ele permita ou não ter seu espaço alcançado pelos olhares alheios.

O oferecimento de equipamentos de uso individual, como luminárias, prateleiras, sinal wi-fi, mini frigobar, espaço para bagagem, trilhos com cabides para pendurar roupas, ganchos para bolsas, mochilas e toalhas, televisão, fones de ouvido, protetores auriculares descartáveis, máscaras de dormir também descartáveis, relógio com despertador e entrada USB, sacola de elástico presa a um dos lados para a guarda de roupas e roupa de cama são mais alguns itens que, no contexto dos quartos compartilhados, podem contribuir para o exercício da individualidade.

Com a pesquisa, reforça-se que o design de interiores, como ciência teórico-prática, tem grande relevância no comportamento humano em espaços compartilhados, onde a elaboração dos ambientes e os recursos propostos pelo projeto para as atividades individuais, mesmo que um espaço de uso coletivo, como é o caso do quarto compartilhado de hostel, é fundamental.

Referências

ALVES, Carlos Augusto. Hostels, mais do que uma hospedagem acessível, um estilo de vida. **Revista Hotéis**. São Paulo, jul., 2010. Disponível em: <<http://www.revistahoteis.com.br/hostels-mais-do-que-uma-hospedagem-acessivel-um-estilo-de-vida/>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lucio de; JORGE, Wilson Edson. **Hotel: planejamento**. 5.ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

APAJ. **O que são hostels?** [s.d.]. Disponível em: <http://www.alberguesp.com.br/site/conteudo.asp?id_subsecao=2&titulo=Conhe%E7a>. Acesso em: 14 abr. 2016.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRASIL. Ministério do Turismo. Embratur. **Fundação e estrutura**. 2010. Disponível em: <http://www.embratur.gov.br/piembratur/opencms/historia/fundacao_estrutura.html>. Acesso em: 19 set. 2015.

CARDOSO, Rafaela. **Diferença entre hotel hostel na sua viagem**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.traveliaviagens.com.br/diferenca-entre-hotel-hostel/>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

CHING, Francis D. K.; BINGGELI, Corky. **Arquitetura de interiores ilustrada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

COELHO NETTO, José Teixeira. Por uma linguagem da Arquitetura. In: _____. **A construção do sentido na arquitetura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.



COLES, John; HOUSE, Naomi. **Fundamentos da arquitetura de interiores**. Barcelona: Promopress, 2008.

GIARETTA, Maria José. **Turismo da juventude**. São Paulo: Manoele, 2003.

GIBBS, Jenny. **Design de interiores: guia útil para estudantes e profissionais**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUBERT, Marjorie Lemos. **Design de interiores: a padronagem como elemento compositivo no ambiente contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Design). Escola de Engenharia, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

HALL, Edward. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LOJACONO, Gabriela; ZACCAI, Gianfranco. A empresa focada no Design. **Revista HSM Management**, v.8, n.47, nov./dez., 2004, p. 98-143.

MARCOS, Cristina Moreira. A reinvenção do cotidiano e a clínica possível nos “Serviços Residenciais Terapêuticos”. **Psyché – Universidade São Marcos**, São Paulo, v.8, n.14, p.179-190, jul./dez., 2004.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística na arquitetura e na comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2014.

PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. **Dimensionamento humano para espaços interiores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

PERROT, Michelle. **História dos quartos**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

PULS, Maurice. **Arquitetura e Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

REQUENA, Carlos Augusto Joly. **Habitar híbrido: interatividade e experiência na era da cibercultura**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

SBARRA, Marcelo. **Observação incorporada e análise do discurso no contexto do pós-estruturalismo e da pós-modernidade: revisão crítica da contribuição do grupo ProLUGAR para a avaliação pós-ocupação e para pesquisa em arquitetura**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

SEBRAE. **Hostel: perfil dos turistas**. 2015. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/viajantes-solitarios-impulsionam-novo-nicho-para-o-turismo,42aa3374edc2f410VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 8 fev. 2017.

SILVA, Tamiris Martins da; KÖHLER, André Fontan. O mercado de albergues/hostels do Município de São Paulo - Brasil: caracterização e avaliação de estabelecimentos e empreendedores. **Revista Ibero-americana de Turismo**, v. 5, p. 54-72, 2015.

SOMMER, Robert. **Espaço pessoal**. São Paulo: Ed. EPU-EDUSP, 1973.



TOLEDO, Patrícia de Moura e Silva; COLCHETE FILHO, Antonio; BRAIDA, Frederico. O ensino do design de interiores nas faculdades de arquitetura e urbanismo de Juiz de Fora / MG: possibilidades e limitações. **Tríades em Revista**, v. 7, p. 1-16, 2018.

TRIGO; Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo básico**. 7. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

Sobre os autores

Patrícia de Moura e Silva Toledo

Arquiteta e Urbanista, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF, 2011). Pós-graduada em Arquitetura de Interiores, Universidade Federal de Juiz de Fora (2014). Mestra em Ambiente Construído, pela linha de Projeto do Ambiente Construído, do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, da Universidade Federal de Juiz de Fora (PROAC/UFJF, 2017).

ptoledo87@gmail.com

Frederico Braida

Arquiteto e Urbanista, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, 2005). Mestre em Urbanismo (PROURB/UFRJ, 2008). Mestre, Doutor e Pós-doutor em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio, 2007, 2012 e 2015, respectivamente). É Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora (PROAC/UFJF).

frederico.braida@ufjf.edu.br

Antonio Colchete Filho

Arquiteto e Urbanista, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1992). Mestre em Urbanismo (PROURB/UFRJ, 1997). Doutor em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ, 2003). Pós-doutor sênior em Paisagismo (MPAP/UFRJ, 2018). É Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora (PROAC/UFJF).

arqfilho2@globo.com